



Efeito Copa: para a bola rolar, o país teve que parar

Síntese: *A Copa do Mundo foi um sucesso dentro de campo, mas uma tremenda frustração quanto ao legado prometido pelo governo. A realização do evento foi marcada por gastança, promessas não cumpridas, obras deixadas pelo caminho e a maior parte dos custos bancada pelos cofres públicos. Para evitar que a deficiente infraestrutura entrasse em colapso, o país teve que apelar para uma profusão de feriados. O custo do "efeito Copa" não tardou: com os principais centros urbanos em ritmo de paralisia, quase todos os indicadores econômicos de junho e julho desabaram e precipitaram a economia brasileira no caminho da recessão.*

A Copa do Mundo no Brasil foi um sucesso – dentro de campo. Ficou marcada por jogos emocionantes, resultados surpreendentes e lances históricos. Fora das quatro linhas, os turistas elogiaram a hospitalidade do brasileiro, a comida, a música, o clima e os atrativos naturais. Qualidades inerentes ao nosso povo, sem relação alguma com o governo de turno. Naquilo que efetivamente coube ao poder público – a organização, o legado e a realização de obras estruturantes – o evento deixou muito a desejar. Para a Copa acontecer sem levar nossa deficiente infraestrutura a um colapso, o Brasil teve que parar.

Indicadores recentes sobre o desempenho da economia brasileira nos meses de junho e julho mostram que a Copa – que, em geral, funciona como potente alavanca para impulsionar a atividade – jogou-a ainda mais no buraco. Trata-se de decorrência direta dos remendos e paliativos a que o país foi submetido para compensar o fracasso na execução, principalmente, das obras de mobilidade urbana. Com feriados decretados em profusão para esvaziar ruas e evitar congestionamentos, os negócios desaceleraram ainda mais, as fábricas pararam e milhares de trabalhadores tiveram que cruzar os braços.

Poderia ter sido diferente. Quando o Brasil foi anunciado como sede da Copa, em outubro de 2007, criou-se enorme expectativa em relação a legados duradouros que o evento poderia deixar. Havia tempo de sobra para planejamento e boa realização dos empreendimentos. Mas, já ao longo da preparação, obras importantes e antes acalentadas foram ficando pelo caminho – como novas linhas de metrô em Porto Alegre e Belo Horizonte, dentre outras 20, somando mais de R\$ 6 bilhões em investimentos cancelados.

Quando a bola parou de rolar, com a seleção da Alemanha consagrada como grande e merecida campeã, apenas metade das 167 obras previstas estava efetivamente concluída. Outras 45 intervenções estavam incompletas, 23 ficaram para ser finalizadas após o evento e 11 foram definitivamente abandonadas.

Em nenhum dos aeroportos administrados pela Infraero foram entregues todas as obras planejadas: no balanço do próprio governo, apenas 13 de 29 intervenções foram concluídas para o evento. O péssimo desempenho só não resultou em caos aéreo porque, contrariando expectativas, o pico de

movimentação diária na Copa foi inferior ao do Natal de 2013 e ao do último Carnaval. Ou seja, o Mundial acabou gerando volume de passageiros inferior ao de situações já enfrentadas pela nossa velha estrutura aeroportuária.

Mobilidade urbana, a maior frustração

O resultado em termos de legado não foi apenas frustrante; foi também bem mais custoso que o previsto. Os gastos totais atingiram R\$ 26 bilhões, dos quais apenas 17%, ou R\$ 4,4 bilhões, saíram do setor privado. Ao contrário das promessas oficiais, orçamentos públicos e linhas de crédito liberadas por instituições federais bancaram todo o restante, segundo o TCU. Um terço desse montante foi usado nos estádios, ganância que incluiu arenas faraônicas em cidades sem qualquer tradição esportiva.

Nenhum setor teve resultado tão ruins quanto o de mobilidade urbana. Segundo o Ministério do Planejamento, de 35 ações acompanhadas, apenas nove foram concluídas para o evento e 11 estavam “parcialmente em operação” quando a Copa aconteceu – ou seja, inacabadas. O resto ficou para depois do Mundial ou foi simplesmente cancelado. O resultado contrasta com a crescente demanda social por transporte público de melhor qualidade, simbolizada pelos protestos de junho de 2013.

Custos de construção e reforma dos estádios da Copa

Estádio	Capacidade (em mil)	Estimativa inicial (em R\$ milhões)	Custo final (em R\$ milhões)	Reajuste (em %)	Custo por assento (em R\$ mil)
Belo Horizonte	62	426	695	63,1%	11,2
Brasília	72	745,3	1.400	87,8%	19,4
Cuiabá	44	454	570	25,6%	13,0
Curitiba	63,7	184,5	326,7	77,1%	5,1
Fortaleza	63,7	623	518,6	-16,8%	8,1
Manaus	44	515	669	29,9%	15,2
Natal	45	350	400	14,3%	8,9
Porto Alegre	60,8	130	330	153,8%	5,4
Recife	46	529,5	532,6	0,6%	11,6
Rio	76	600	1.050	75,0%	13,8
Salvador	55	591,7	689,4	16,5%	12,5
São Paulo	68	820	1.200	46,3%	17,6
TOTAL	700	5.969	8.381	40,4%	12,0

Fontes: [Valor Econômico](#) e [Sinaenco](#)

Até 2012, a estimativa era investir R\$ 12 bilhões no transporte urbano das 12 cidades-sede. Com os cortes, o valor destinado às obras de mobilidade restantes foi reduzido para R\$ 8,1 bilhões, aproximando-se ao reservado aos estádios. Esses, por sua vez, seguiram caminho inverso: o orçamento das arenas mais que triplicou na comparação com os R\$ 2,6 bilhões previstos pela CBF em 2007.

Custo alto para a economia

Um dos principais argumentos do governo pró-Copa era a movimentação econômica gerada pelo evento. Entretanto, com legados de infraestrutura bastante aquém do esperado, as cidades-sede recorreram a medidas paliativas como decretação de feriados, pontos facultativos, expedientes reduzidos e mudança de calendário escolar para tentar garantir que o evento ocorresse sem atropelos.

Para uma economia já em desaceleração, o resultado decorrente da paralisação forçada foi uma freada brusca. Todos os indicadores já divulgados referentes aos meses da Copa desenham um quadro desalentador, com saldo bastante negativo para a atividade econômica no país. O efeito da Copa sobre o PIB brasileiro acabou se mostrando desastroso. São muitos os exemplos.

Em junho, a produção industrial caiu 6,9% em relação ao mesmo mês do ano passado, a maior queda nesse tipo de comparação desde setembro de 2009. O emprego industrial também recuou 3,1% na mesma comparação, a maior diminuição em cinco anos. O varejo também teve em junho sua maior retração em dois anos, com baixa de 0,7% em relação a maio.

O esfriamento da economia em função da Copa também colocou 85 mil trabalhadores em férias coletivas. Para outros 12 mil, a situação foi pior: tiveram seus contratos de trabalho temporariamente suspensos, nos chamados *layoffs*. É o maior contingente nestas condições desde a crise de 2009, um terço deles nas montadoras de automóveis, símbolo maior da esgotada política de incentivo desmesurado ao consumo e ao crédito adotada pelos governos petistas.

Recessão à vista

Como resultado global do derretimento da produção e do esfriamento dos negócios, a geração de empregos formais teve o pior junho dos últimos 16 anos, com abertura de apenas 25 mil vagas em todo o país. Em termos percentuais, a queda em relação ao mesmo mês do ano passado beira 80%.

Os dados oficiais sobre o desempenho da economia brasileira no segundo trimestre serão conhecidos no fim de agosto. Mas indicadores antecedentes já sugerem que o PIB do país retraiu-se entre abril e junho. Com possíveis revisões estatísticas, o resultado do primeiro trimestre também pode cair para terreno negativo, colocando a economia brasileira tecnicamente em recessão. Tudo considerado, o consenso dos analistas é de que a expansão da atividade não chegará a 1% neste ano, coroando o pior quadriênio em mais de 20 anos.

A realização da Copa do Mundo no Brasil foi mais uma oportunidade ímpar desperdiçada pelo governo petista para impulsionar a economia, gerar benefícios duradouros para a população e melhorar o bem-estar dos brasileiros. O que restou do torneio foram memoráveis jogos e alguns dos mais suntuosos estádios construídos no mundo. De legado, quase nada, a não ser um país paralisado e uma economia rumando, cada vez com mais ímpeto, para o buraco.



“Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV” é uma publicação mensal do Instituto Teotônio Vilela.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA - www.itv.org.br

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal – Anexo I – 9º andar – Sala 908 . CEP 70.165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 .
itv@itv.org.br . @ITV_Oficial